

5. REFLEXOS

6. UM RUSSO E UMA CHECA
NA MADEIRA

DIÁRIO
de Notícias



FELIZ ANIVERSÁRIO • VITÓRIA FERRAZ • EBS/PE/C DO PORTO MONIZ

X SÉRIE • N.º 6 // MARÇO DE 2025 // EDUCAÇÃO

PONT e VÍRGULA

ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE INTEGRANTE DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

EDITORIAL

O 'Ponto e Vírgula' regressa este mês com mais uma edição notável, onde as palavras voltam a ganhar vida!

Sou uma das correspondentes deste suplemento, na escola secundária do Porto Santo, e é com grande alegria que vos convido a ler esta edição, repleta de histórias e eventos decorridos nas escolas regionais que refletem o talento, a criatividade e a dedicação dos alunos!

Vivemos numa era em que a informação nos invade constantemente e, no meio deste movimento volátil, há claramente espaço para a manifestação pura. Nesta edição são divulgadas as experiências dos alunos, tanto escolares como pessoais. Entre as fantásticas publicações deste mês, destaco duas da Escola da APEL. Através de uma ilustração marcante intitulada 'Reflexos', somos desafiados a olhar para além do óbvio e encontrar, nas sombras e traços, o que nos define e nos torna únicos, a nossa própria imagem!

Destaco igualmente a história de uma dançarina, cujo percurso é marcado pelo esforço e pela paixão. Escolhi este destaque, também da Escola da APEL, pois considero-me uma pessoa que adora dançar e mexer-se e penso que a dança é

uma das artes mais bonitas que existem. A sua fluidez, a forma como permite expressar sentimentos sem palavras faz dela uma manifestação artística única.

Nesta edição, cruzam-se ainda histórias de diferentes partes do mundo. Andrei, um jovem russo, e Barbora, uma estudante checa, encontraram-se na Escola Secundária de Jaime Moniz e, apesar das diferenças culturais, descobriram uma amizade inesperada. Num tempo em que o mundo se fragmenta com conflitos e desentendimentos, este relato lembra-nos da força da interculturalidade e da capacidade de nos unirmos pelo que nos torna humanos.

CADA PÁGINA DESTA EDIÇÃO É UM CONVITE PARA PARAR, REFLETIR E MERGULHAR NAS IDEIAS JUVENIS QUE AQUI SE CRUZAM. QUEREMOS QUE ESTE SUPLEMENTO SEJA MAIS DO QUE PALAVRAS NO PAPEL!



500 ANOS DE CAMÕES NA FRANCISCO FRANCO

Para celebrar os 500 anos do nascimento de Luís Vaz de Camões, a ES de Francisco Franco organizou uma série de atividades com o propósito de homenagear o poeta português.

Algumas destas incluem palestras que foram realizadas na Sala de Sessões, como 'Pensamentos versando Camões', por Valentim Remédios; 'Globalidade e atualidade das reflexões do Poeta n' *Os Lusíadas*', por Carla Barreto; 'A Madeira e a Ilha dos Amores, de Luís de Camões', por Agostinho Soares; 'Camões e o modelo clássico', por Joaquim Pinheiro; 'As faces de Vénus n' *Os Lusíadas*, comentados por Faria e Sousa', por Teresa Nascimento, e 'Camões, uma viagem histórica pelos Cantos', por Filipe Meleiro.

No entanto, o projeto com maior dimensão que a escola organizou foi a 'escrita' de *Os Lusíadas*, a epopeia nacional que trouxe grande êxito à nossa pátria. Mais de dois mil participantes (alunos, docentes e funcionários) juntaram-se numa iniciativa que começou no dia 19 de fevereiro, com o propósito de reescrever esta obra à mão, e que se prolongará até que cada uma das 1102 estrofes seja registada.

DESTE MODO, A COMUNIDADE ESCOLAR DA FRANCISCO FRANCO COMEMORA ESTA DATA NOTÁVEL, PROMOVENDO A UNIÃO ENTRE GERAÇÕES NUMA SÓ MISSÃO, E MANTENDO VIVA A CHAMA DA MEMÓRIA DE CAMÕES, ENALTECENDO-O COMO TAMBÉM ELE NOS ENALTECEU.

LEONOR JESUS
ES DE FRANCISCO FRANCO
(FUNCHAL)

editor por
UM dia

**Inês
Silva**

EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)



Cuidado com A FOME VISUAL!

Mindfulness eating ou alimentação consciente é uma prática que ajuda aqueles que têm dificuldade em navegar pelo mundo da alimentação a fazer as tréguas com a comida, ou até as pessoas que já gostam de comer, a desfrutarem mais das suas refeições de forma saudável.

Dia 23 de janeiro, a turma 10.ªA da EBS da Ponta do Sol teve uma sessão muito esclarecedora acerca deste tema, organizada pelo Clube Cultiva Saúde com a convidada, Psicóloga da escola, Dra. Helena Oliveira. Imagine que tenta comer aquele grande balde de pipocas que come no cinema, mas sem assistir a nada... Comería tanto quanto come no cinema? A resposta, provavelmente, é não! Quando comemos sem prestar atenção não pensamos sobre o que estamos a comer, no sabor, na textura, na quantidade... Logo, é importante que dispensemos fontes de distração enquanto comemos. Provavelmente, já ouviu a expressão "Os olhos são os primeiros a comer". Esta expressão tem um sentido um bocadinho literal, porque existe um tipo de fome chamado fome visual causado pela visualização de alimentos. Também existem outros tipos: fome olfativa, fome do estômago, fome emocional, entre outros. É fundamental aprender sobre estes tipos de fome para saber identificá-los e lidar saudavelmente com eles.

A prática de *Mindfulness eating* pode ajudar-nos a ter uma alimentação mais saudável e consciente, tornando as nossas refeições em momentos harmoniosos com a nossa comida. ■

INÊS PINHEIRO
EBS DA PONTA DO SOL



Recentemente, assisti ao documentário 'Human', de Yann Arthus-Bertrand, sobre a grande diferença de realidades existente nas diversas partes do globo.

Dezenas de pessoas, vítimas de guerras, de estados financeiros, de tensões familiares, de orientações religiosas, entre outras, falam sobre as suas vivências passadas e até traumas que ficaram nas suas vidas depois de experienciar diversos episódios. Algumas pessoas não conseguem terminar o seu testemunho devido à emoção que sentem naquele momento, por se lembrarem das memórias, praticamente todas negativas, sobre o que passaram no seu país natal ou como emigrantes. Já todos conhecemos estas diferentes realidades, mas este documentário permite-nos entender a grande discrepância de qualidade de vida entre, por

exemplo, os habitantes da Europa, os do Médio Oriente ou os da Ásia. Como espetador que usufruí de uma vida mais tranquila, fiquei bastante sensibilizado com as dificuldades que muitas destas pessoas têm ou tiveram de passar. Uma das maiores razões para esta falta de equilíbrio deve-se ao preconceito de povos, etnias, tribos ou mesmo países, com os hábitos, tradições e crenças religiosas uns dos outros. Este desrespeito faz com que se provoquem guerras e, consequentemente, a morte de muitas pessoas inocentes.

O DOCUMENTÁRIO EM QUESTÃO DEIXA-NOS UM ALERTA SOBRE TER CONSCIÊNCIA DO QUE É (OU DEVERIA SER) A INTERCULTURALIDADE, QUE É TERMOS RESPEITO POR QUAISQUER QUE SEJAM AS ORIENTAÇÕES QUE O PRÓXIMO QUEIRA SEGUIR.

Infelizmente, nos dias de hoje ainda existe muita xenofobia, até entre crianças e jovens, mesmo que as escolas, as associações, os professores, aqueles que nos são próximos, encorajem a uma aceitação do outro. Afinal, somos todos humanos. Felizmente, já fizemos um grande avanço na interculturalidade e na diminuição da xenofobia, mas ainda falta "partir muita pedra". ■

DÁRIO FERNANDES
EBS DR. ÂNGELO AUGUSTO DA SILVA
(FUNCHAL)





Mente sã EM CORPO SÃO

Não devemos cuidar da nossa saúde apenas quando estamos doentes. Nós, jovens, devemos procurar ter uma vida equilibrada e saudável.

Uma boa alimentação faz toda a diferença para termos uma grande energia e foco durante o dia. Devemos priorizar os legumes, as frutas, os cereais integrais e evitar o excesso de açúcares e alimentos processados. Beber água regularmente também é fundamental, pois mantém o corpo hidratado e o cérebro mais ativo, o que contribui para um melhor desempenho nos estudos. As práticas de atividade não devem ser apenas feitas nas aulas de Educação Física, podemos caminhar até à escola, passear a pé com a família, andar de bicicleta, dançar ou praticar algum desporto com os amigos, o que também faz com que diminuamos o nosso stress, melhoremos o nosso humor, contribuindo também para um sono de melhor qualidade. Pequenas mudanças na rotina fazem uma grande diferença. Por fim, a saúde mental. A inquietação com os testes, a pressão académica e o medo de falhar é algo real. Tenta organizar o teu tempo, faz algumas pausas para descontraíres, conversa com alguém de confiança e lembra-te sempre que precisar de ajuda não é um sinal de fraqueza!

*** A ESCOLA DEVE SER UM ESPAÇO ONDE O BEM-ESTAR É A BASE PARA ALCANÇARMOS O MELHOR DE NÓS PRÓPRIOS, DENTRO E FORA DA SALA DE AULA.**

CARLOTA GÓIS E RAQUEL SANTOS
EBS D.ª LUCINDA ANDRADE
(SÃO VICENTE)



CARLOS FERNANDES
EBS D.ª LUCINDA ANDRADE
(SÃO VICENTE)

Uma bailarina DAS DANÇAS DE SALÃO



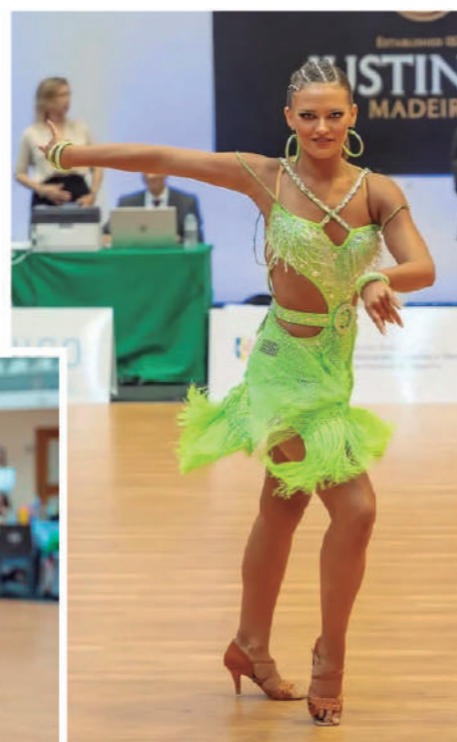
Há uma forte marca das danças de salão na cultura europeia, desde o século XVII, que permanece até aos dias de hoje, em virtude dos esforços da *World DanceSport Federation* (WDSF) em manter as tradições vivas e em constante evolução.

Clara Sousa, atleta já galeardada com vários títulos de campeã nacional e distinguida com mérito, por ter representado Portugal no Campeonato do Mundo de danças latinas, conheceu a dança aos 5 anos de idade, durante um espetáculo realizado na sua antiga escola por uma bailarina, por quem ainda mantém uma forte admiração.

Ao longo dos anos, adquiriu um afeto especial pelas danças latino-americanas, pois, segundo esta, é onde sente ser possível libertar os seus sentimentos e expressar a sua liberdade, mesmo que sinta uma pressão psicológica e algum

desânimo, durante e após as competições, quando não alcança o resultado esperado. Não obstante, isso não a faz querer desistir! Dá-lhe sim força para continuar a aperfeiçoar a sua técnica, durante as suas duas horas diárias de treino, ainda que seja exigente conciliar a vida de atleta com os estudos.

Para o futuro a bailarina pretende continuar a dançar na WDSF, com o intuito de levar Portugal ao pódio, e criando, nesse processo, mais laços com pessoas de outras nacionalidades e lugares, como os que já estabeleceu em Palma de Maiorca e Barcelona.



**JÚLIA CALDEIRA
GONÇALO ARAÚJO**
ESCOLA DA APEL

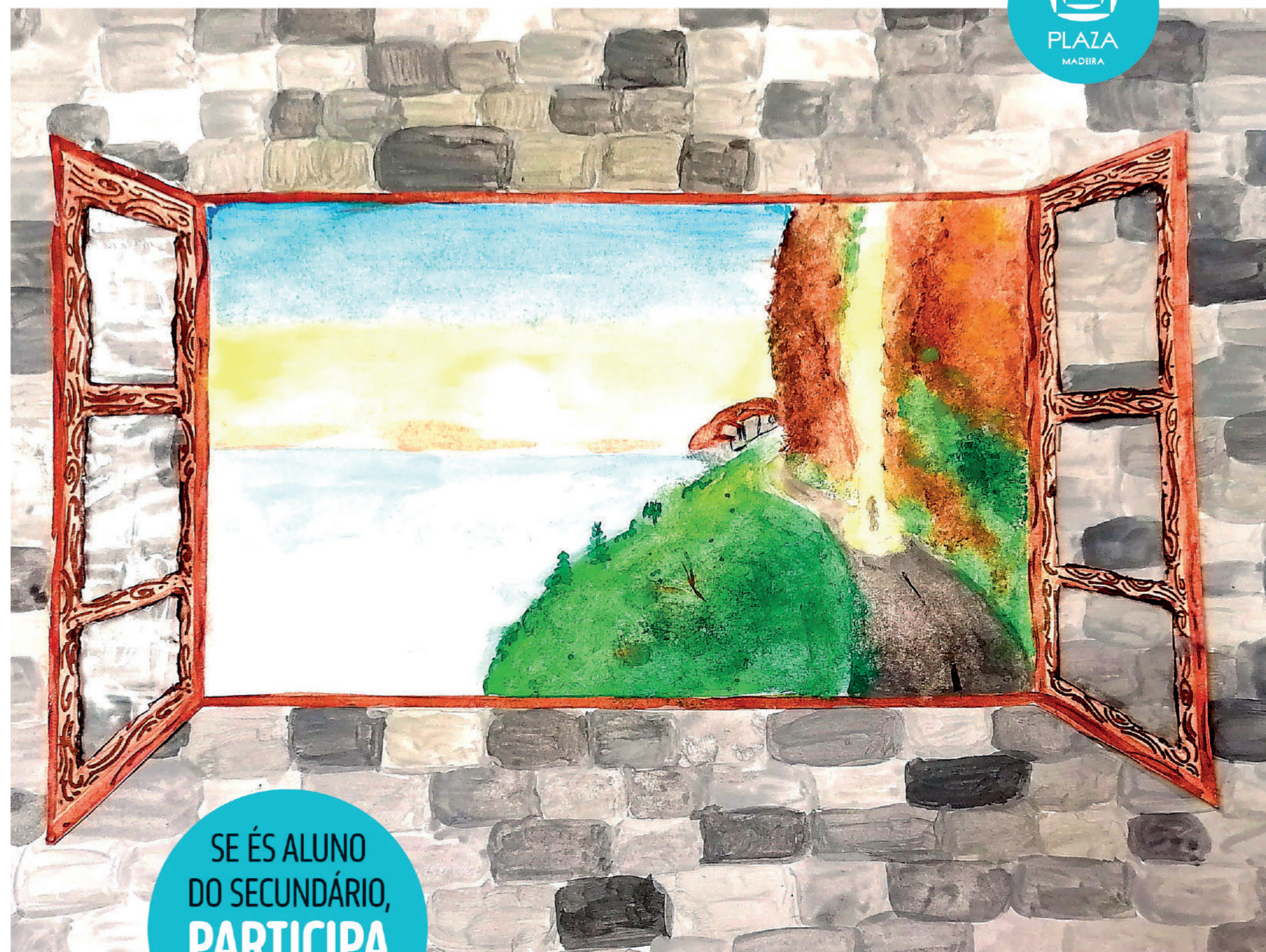
**VISITA
O NOSSO
BLOG**



e encontra todas as novidades, reportagens ou notícias na íntegra e ainda muito mais!

CONCURSO ESCOLAR GRANDE IDEIA

**N.º 5
MARÇO
2025**



**SE ÉS ALUNO
DO SECUNDÁRIO,
PARTICIPA
NA TUA ESCOLA!**

JANELA E PORTAS DO MEU CONCELHO

LARA VARELA ● EBS DA PONTA DO SOL

OS LAÇOS DA MEMÓRIA



– Avó, como conheceu a avó? – perguntou Ana curiosamente.

Ana adorava as visitas dos seus avós. Especialmente porque o seu avô tinha um talento raro para contar histórias.

Já há algum tempo que Ana queria pedir-lhe para ouvir esta história, mas nunca teve coragem para perguntar. Mas agora, finalmente decidira interrogar o avô e saciar a sua curiosidade.

Este assentiu com a cabeça.

– Eu era jovem quando conheci a tua avó – começou. – Nasci e cresci na Madeira, e estava habituado aos nossos costumes. Nunca tinha saído da ilha, por isso não conhecia muito do mundo...

Ana observou com fascínio a forma como os olhos do avô ficaram distantes. Como se ele tivesse sido transportado para outra época e estivesse a relatar os acontecimentos através de lentes do passado.

– Trabalhava eu num hotel, no Funchal. Estava sempre cheio de turistas, que visitavam o nosso paraíso no Atlântico. Mas isso parou com o começo da segunda guerra mundial – a expressão do seu avô escureceu.

Com a guerra, vieram tempos difíceis. A navegação marítima atlântica foi prejudicada e, por conseguinte, o turismo também, que era a principal fonte de lucro da ilha. Vários hotéis tiveram de fechar as portas. O nosso não fechou, mas sentimos fortemente os impactos da escassez de turismo.

– E depois? – perguntou a menina, desta vez preocupada. – O que é que vos aconteceu? Ao ouvir a aflição na voz da sua neta, o homem soltou um riso abafado.

– Era julho de 1940 quando pensávamos que tudo estava perdido. Já nos estávamos a preparar para o inevitável, quando recebemos a notícia de que tinha chegado à Madeira um grupo de 734 refugiados gibraltinos.

Desde então, os hotéis ganharam nova clientela, e o comércio desenvolveu uma nova dimensão. Esta veio a aumentar ainda mais quando, em agosto do mesmo ano, a Madeira recebeu mais um grupo de gibraltinos. Foi aí que conheci a tua avó.

Um sorriso sonhador apareceu nos seus lábios, e Ana não conseguiu evitar devolvê-lo. – Um dia, um grupo de mulheres veio ter ao hotel onde eu trabalhava. A tua avó estava entre elas. Já na altura, ela era a mulher mais bela que alguma vez vi. Os gibraltinos tinham costumes diferentes dos nossos. Sabias? Vestiam-se e agiam de forma diferente. Inicialmente, fiquei intrigado.

Estranhei o que não conhecia, como é habitual do ser humano. Mas depois fiquei encantado! Encantado com a tua avó e a afabilidade dela. Os gibraltinos que chegaram à nossa ilha foram amigáveis, e fomentaram a convivência com a nossa comunidade. Os madeirenses e gibraltinos criaram laços que duram até hoje, Ana, e penso que sempre durarão.

– Eu e o teu avó casámos uns meses depois desse dia – interveio a sua avó, entrando na sala com um sorriso. – E desde então fomos felizes – concluiu o homem, olhando para a mulher que entrara na sala como se ela lhe tivesse trazido a lua do céu.

ANA SORRIV, GRATA PELA PARTILHA DESTA HISTÓRIA.

Fontes:

■ <https://ccmm.madeira.gov.pt/index.php/publicacoes/noticias/521-gibraltinos-recordam-com-carinho-a-hospitalidade-dos-madeirenses>

LEONOR JESUS

ES de Francisco Franco (Funchal)



Gibraltinos na Madeira com trajes tradicionais madeirenses



JÁ ALGUMA VEZ PENSOU NO QUE SERIA VIVER SEM UMA INFÂNCIA FELIZ?

A infância e a adolescência deveriam ser fases marcadas por alegria, brincadeiras e descobertas, mas, para muitas crianças e jovens, a realidade é bem diferente. Pobreza, instabilidade familiar, dificuldades de acesso à educação e a necessidade de migração forçada são alguns dos obstáculos que impedem a plena felicidade nesta etapa importante da vida.

Muitas famílias, enfrentando dificuldades económicas, veem-se obrigadas a sair dos seus países à procura de melhores condições de vida. Esse processo, embora necessário para garantir um futuro melhor, tem um grande impacto emocional nas crianças e adolescentes. O afastamento do ambiente familiar e cultural pode gerar sentimentos de insegurança, saudade e dificuldades de adaptação.

Por isso, decidi fazer uma breve entrevista à minha avó, Maria da Luz Ribeiro (MR), pois ela também viveu uma situação igual:

– Avó, qual era a tua idade quando tiveste de sair da Madeira para a Venezuela, e qual foi a sensação que tiveste no teu processo de emigração?

– MR: Tinha 10 anos, foi muito difícil para todos nós, pois sentia muitas saudades da minha terra, da minha família e dos meus amigos, mas sabia que íamos ter melhores oportunidades e uma melhor qualidade de vida.

– Achas que isso afetou a tua infância?

– MR: Claro, a minha infância ficou muito condicionada pelo facto de ter deixado todas as minhas amizades e familiares, e ainda mais pela dificuldade da língua, pois dificultava muito a comunicação, e não conseguia fazer amigos.

ALÉM DA QUESTÃO MIGRATÓRIA, A DESIGUALDADE SOCIAL CONTINUA A SER UM DOS MAIORES DESAFIOS. MILHÕES DE CRIANÇAS VIVEM EM SITUAÇÕES DE POBREZA, SEM ACESSO ADEQUADO À ALIMENTAÇÃO, SAÚDE OU EDUCAÇÃO. A FALTA DE RECURSOS BÁSICOS NÃO APENAS COMPROMETE O SEU BEM-ESTAR FÍSICO, MAS TAMBÉM PREJUDICA A SUA AUTOESTIMA E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL.

A estabilidade emocional das crianças e jovens depende, em grande parte, do apoio da família e da sociedade. No entanto, nem todas as crianças encontram esse suporte. O aumento dos casos de depressão e ansiedade entre os mais novos evidencia a necessidade urgente de criar ambientes mais seguros e acolhedores, seja em casa, na escola ou na comunidade. Garantir a felicidade das crianças e adolescentes exige um esforço conjunto. Políticas públicas que reduzam a desigualdade social, investimentos na educação e maior atenção à saúde mental são fundamentais. Só assim será possível oferecer às novas gerações um futuro onde a infância e a juventude sejam verdadeiramente sinónimos de felicidade.

SABRINA COSTA
EBS de Machico



UMA INFÂNCIA FELIZ



DETALHES DO MEU CONCELHO



ANA CRISTINA ABREU

EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)



SIMPLICIDADE DA ALEGRIA



MARIANA MENEZES
EBS de Santa Cruz

CON
TOO ÚLTIMO
AUTOCARRO

No litoral de Lisboa, existe um bairro muito movimentado, onde estão constantemente a entrar e a sair pessoas. Neste bairro vive Júlia, uma universitária muito atarefada. Tão atarefada que raramente lhe sobra tempo para fazer qualquer coisa fora da sua rotina.

Hoje, pela primeira vez em meses, Júlia conseguiu concluir os seus trabalhos cedo, deixando-a com o resto do fim de semana livre. Decidiu cumprir uma promessa que havia feito desde o dia em que entrou na universidade. Arrumou uma pequena mala, apenas com o essencial. Depois dirigiu-se até à paragem de autocarro mais próxima.

Júlia olhava constantemente para o seu relógio de pulso, com o coração a bater apressado. Faltavam cinco minutos para o último autocarro. Desde que anunciou a sua ida para a universidade, a avó fez-lhe prometer uma visita quando Júlia estivesse disponível. Algo dentro dela dizia que não lhe restava muito tempo.

O som distante do autocarro a aproximar-se fê-la suster a respiração. Quando as portas se abriram, Júlia entrou, escolhendo um lugar junto à janela. A viagem começou tranquila. Mas ao olhar pela janela, sentiu um estranho frio na barriga. A paisagem parecia... antiga. O céu estava mais limpo, havia menos pessoas nas ruas, as crianças reuniam-se para brincar, até as árvores estavam mais pequenas. Esfregou os olhos descrentemente. Estaria a ficar maluca?

Ao virar-se, reparou numa mulher com um lenço vermelho que a observava. Algo naqueles olhos lhe pareceu bizarramente familiar.

– Não era para aqui estares – disse ela, num tom baixo, mas firme.

O coração de Júlia acelerou.

– O quê? Porque não? Estou a caminho da casa da minha avó, entrei no autocarro certo.

A mulher respirou fundo, cruzando os braços.

– Este autocarro não segue para o futuro, Júlia. Ele leva-nos de volta ao que foi perdido e nunca mais encontrado.

Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Olhou pela janela novamente. Agora reconhecia aquelas ruas. Era a cidade da avó, Cascais, mas de há muitos anos. A paragem em que saiu parecia um álbum da sua infância.

Foi então que a viu. No meio da multidão. A avó, só que mais jovem, à sua espera, com um grande sorriso nos lábios e as bochechas coradas.

– Eu sabia que cumpriria a promessa – sussurrou a avó, estendendo os braços para um abraço.

Júlia tentou falar, mas nenhuma palavra saiu da sua boca. Sentiu as lágrimas quentes deslizarem pelo rosto.

O ÚLTIMO AUTOCARRO NÃO A LEVARA A UM DESTINO QUALQUER. TROUXERA-A O ÚLTIMO AUTOCARRO.

LARA SILVA
EBS/PE da Calheta



ELOGIO AO
PONTO
E VÍRGULA

**Há dez anos celebrámos um sinal tão subtil,
o ponto e vírgula, discreto e gentil.
Na língua portuguesa, encontrou o seu lugar,
entre pausas e frases, veio encantar.**

**Nem ponto final, nem vírgula apressada,
é a pausa perfeita, bem colocada.
Quando o pensamento precisa de ar,
ele entra em cena, ajuda a ligar.**

**Nas mãos de Camões, foi verso e canção,
nas linhas de Eça, deu ordem à ação.
Pessoa usou-o, com toque profundo,
nas suas palavras, no seu próprio mundo.**

**É ponto de encontro, mas nunca de adeus,
é pausa que liga os versos seus.
Entre ideias e frases, costura com calma,
liga as palavras, conecta a alma.**

**Em redes sociais ou num livro guardado,
ele segue firme, fiel ao legado.
Nos textos de escola, no e-mail formal,
o ponto e vírgula é essencial.**

**Lembra-nos sempre que a língua é ponte,
um rio de palavras que segue adiante.
Dez anos se foram, que venham mais mil,
para o ponto e vírgula, eterno e gentil.**

PETRA AGUIAR
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)

UMA JORNADA PARA A AUTONOMIA

A chuva tamborilava nos telhados do Funchal naquela manhã cinzenta de 25 de novembro de 1975. Manuel Vasconcelos, proprietário de uma pequena tipografia na Rua da Carreira, observava as manchetes dos jornais com a testa franzida. As notícias de Lisboa falavam de uma crescente tensão no país, dos paraquedistas que ocuparam pontos estratégicos e do confronto entre militares.

Desde o 25 de Abril de 1974, a Madeira vivia numa atmosfera política de incerteza. A revolução que derrubou o regime de Salazar trouxera esperança de liberdade, mas também alimentara o medo de extremismos. A população estava dividida entre aqueles que viam a Revolução como uma oportunidade para novos tempos e os que temiam a anarquia. Naquela manhã, a telefonia da tipografia anunciava:

– Notícias de Lisboa indicam que as forças moderadas, lideradas pelo general Ramalho Eanes, contêm a tentativa de golpe da extrema-esquerda. Sob o comando do general Eanes a ordem começa a ser restabelecida... Manuel suspirou. Nos últimos meses, ele participara em reuniões clandestinas com

figuras políticas locais, debatendo os rumos do futuro da Madeira. Enquanto Lisboa oscilava entre democracia e o radicalismo, a ilha precisava de segurança e estabilidade para recuperar dos atrasos de ter sido tratada como uma colónia revoltada, desde as revoltas da farinha e do leite. Não se podia depender de Lisboa, mas um governo próprio deveria assegurar a continuidade democrática emancipadora dos ilhéus.

A manhã passara depressa. Manuel almoçava sempre no Apolo. Em frente à Sé, reconheceu Francisco Abreu, advogado de nomeada na cidade e defensor da autonomia.

– Agora é o nosso momento! Se Lisboa se reestrutura, temos de exigir o que nos prometeram! – bradava Francisco, confiante, apertando firmemente a mão de Manuel.

A vitória dos militares moderados parecia abrir caminho para um entendimento entre as forças políticas. Para os autonomistas madeirenses, o 25 de novembro representava a chance de garantir a estabilidade e avançar para um processo de autonomia efetivo. Em 1976, o Estatuto da Região Autónoma da Madeira seria finalmente aprovado, criando um governo próprio dentro da República Portuguesa. Mas nem todos compartilhavam dessa visão. A Frente de Libertação do Arquipélago da Madeira (FLAMA), que

defendia a independência, fez-se ouvir com várias ações, como pichações em muros com frases como "Independência para a Madeira". Essas manifestações representavam uma minoria, mas alimentavam a tensão política na ilha. O 25 de novembro acelerou as negociações com o governo central, e a Madeira obteve um novo estatuto, garantindo a sua autonomia política e administrativa. Naquela noite de 30 de abril de 1976, Manuel imprimiu um editorial decisivo:

"A DEMOCRACIA VENCEU. AGORA, A MADEIRA DEVE SEGUIR O SEU CAMINHO, DENTRO DE PORTUGAL, MAS COM VOZ PRÓPRIA. O 25 DE NOVEMBRO FECHOU UM CICLO, E PARA NÓS, O DECRETO-LEI 318-D/76 ABRE UM NOVO CAPÍTULO: A AUTONOMIA DA MADEIRA ESTÁ EM MARCHA."

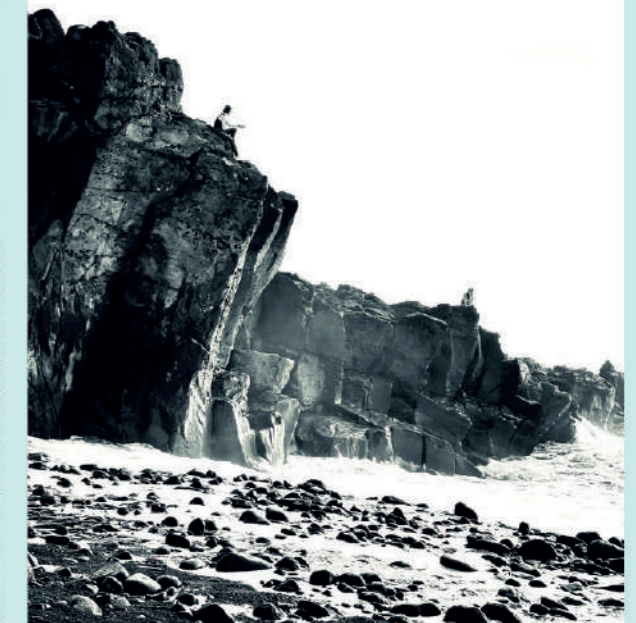
Ao dobrar o papel ainda quente entre os dedos, Manuel soube que a História estava a ser escrita. A jornada para a autonomia estava em marcha. A Madeira era senhora do seu destino.

Fontes:

- **Achas na Autonomia**, (1995) Luís Calisto, 1.ª edição.
- **DN Madeira**: www.dnnoticias.pt
- **RTP Arquivos**: www.rtp.pt/arquivos
- **A História do 25 de novembro de 1975**: <https://www.publico.pt>
- **DR - DL 318-D/76**, de 30 de abril



MARIA CATARINA FERREIRA
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)

AGITAÇÃO, ESPERANÇA E
SAUDADE

JOÃO GABRIEL SILVA
EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)



A FORÇA DA MULHER

No vento que passa, há voz que não cessa,
É brisa que grita, é mar a rugir.
Mulher que resiste, que nunca tropeça,
Ergue-se firme sem nunca cair.

Mulher guerreira, de olhar brilhante,
Que segue em frente, firme e constante.
Na alma, carrega ternura e valor,
E faz do amor a sua maior cor.

Nos passos firmes, traça a estrada,
Ergue-se sempre, sem temor.
Faz da esperança a sua morada,
Vence barreiras com o seu ardor.

No seu olhar, um brilho intenso,
No peito, o fogo de quem sonhou.
Se a vida impõe um mar imenso,
Ela é farol que não apagou.

Mulher é história, é brilho, é vida,
Na voz que ecoa, a dor é vencida.
Em cada batida do seu coração,
Reside a essência da revolução.

MATEUS GOUVEIA
Escola da APEL (Funchal)

CONTO

UMA LUZ NO MEIO DA NOITE

Luís nunca foi um homem de grandes reflexões. Acreditava no que via, no que tocava e no que resolvia com as próprias mãos. Mas, quando era ainda adolescente, gostava de olhar para as estrelas. Nos verões passados na casa da avó, na tranquilidade da Ribeira da Janela, deitava-se na terra fria do quintal e assim ficava, com os olhos pregados no céu. Tentava encontrar figuras entre os pontos de luz e perguntava-se quantas estrelas haveria lá em cima. Indagava-se acerca da possibilidade de alguém, noutra lugar, estar a olhar para ele, através das constelações. Havia uma paz inexplicável naquele hábito, como se o mundo fosse um pouco menos confuso quando se constata a imensidão do universo.

Era uma sensação estranha e confusa de entender, mas aqueles momentos eram,

para Luís, de uma profundidade e clareza inexplicáveis. Todavia, esse tempo ficava para trás. A vida tomou conta dos dias, com a pressa de quem não espera por ninguém. Luís mudou-se para a cidade grande, arranjou um trabalho que não o satisfazia e, na correria da rotina, o céu tornou-se uma coisa distante, abafada pelas luzes dos prédios.

Numa noite de insónia, saiu para a varanda com a esperança de que o ar frio da noite lhe acalmasse os pensamentos que, transgressores, o impediam de descansar. Nessa noite de inverno, o céu limpo e o brilho do luar não eram suficientes para dar às estrelas todo o destaque que mereciam. O reflexo das luzes da cidade apagava quase tudo. Por um momento, a fraqueza dos dias intensos de trabalho levou a melhor e, naquela varanda, aquele homem já não observava a realidade, mas um céu que parecia morto. Preparava-se para regressar ao leito quando a viu, por entre os cabos elétricos e o nevoeiro da poluição. Como uma aparição divina, uma estrela resistia. Pequena, solitária,

quase impercetível. Ficou ali, parado... O motivo que o levava ao exterior estava já esquecido, por entre as memórias daquelas estrelas luminosas que costumava observar em casa da avó e que lembravam brilhantes preciosos num daqueles tecidos suaves e escuros que vendia lá na loja.

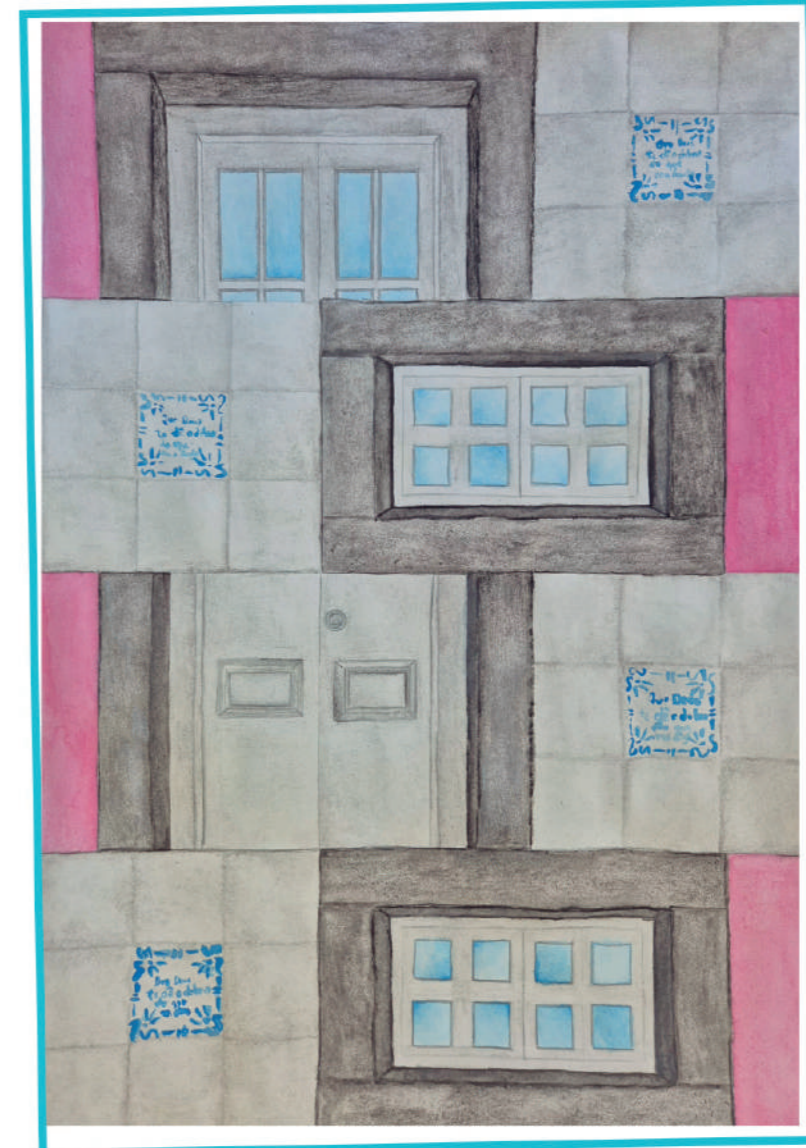
Luís sentiu um aperto no peito. Não era saudade, era uma recordação ténue, um quadro esquecido, um eco do jovem que fora. Então, tudo se tornou mais nítido, pois, ao olhar para a estrela, reencontrou um velho amigo, reencontrou a essência do que tinha sido, a inocência e os sonhos de um amanhã que, afinal, não se concretizou. Tal como aquela estrela solitária no meio do vazio, sentiu que também ele devia resistir e fez a promessa mais importante, aquela que cada um faz a si próprio. Nessa noite, o Luís jurou que não permitiria que a luz que dentro dele ainda brilhava voltasse a esmorecer.

PEDRO AFONSO
EBS/PE/C do Porto Moniz



PORTAS E JANELAS DA MINHA CIDADE

PORTAIS DO TEMPO

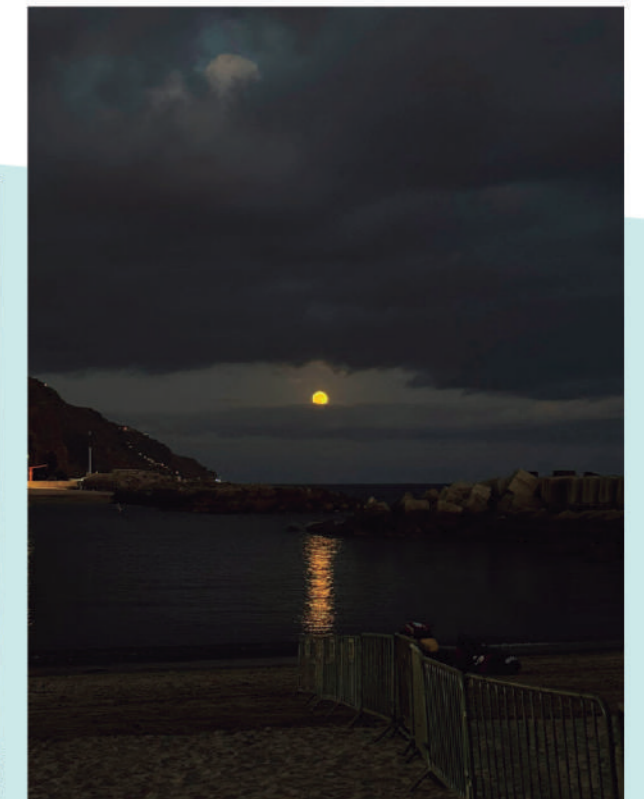
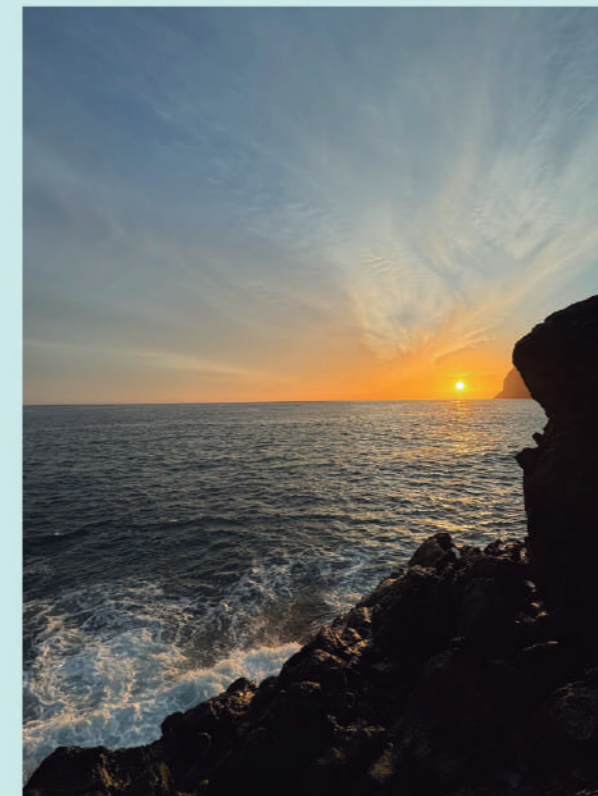


PEDRO JARDIM
EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)



SENTIMENTOS

OCASOS



TAÍSA PIRES
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo (Câmara de Lobos)

Reflexos 2021



Os sucessivos reflexos representam as muitas camadas que temos. Quanto mais longe se encontra o reflexo, mais nos deformamos, como se fosse a percepção (errada) das pessoas sobre nós, dado que quanto menos ouvem, menos sabem, e, na verdade, só nós nos conhecemos verdadeiramente.

BEATRIZ ESCÓRCIO
ESCOLA DA APEL (FUNCHAL)



Inteligência Artificial: AMIGA OU INIMIGA DO ESTUDANTE?

A comodidade que a Inteligência Artificial tem vindo a trazer para o nosso quotidiano tem envenenado tanto a nossa criatividade, quanto o nosso pensamento crítico.

O uso de Chatbots, que geram instantaneamente resposta para aquilo que procuramos, dá-nos a falsa segurança de que já somos conhecedores do assunto em questão, quando na verdade lemos uma versão pouco aprofundada, ou até mesmo equivocada daquilo que julgamos ter resposta. A sua influência tem-se feito sentir sobretudo nos nossos jovens, nomeadamente no ambiente escolar, onde, cercados de questões e de trabalhos, os alunos veem a IA como uma forma acessível de resposta sem muito se esforçarem. Mas afinal, é realmente possível conciliar o mundo digital com o mundo real? Ou melhor

ainda, com a escola? Na minha conceção, para um bom encontro entre os dois mundos, é necessário que nós, como seres racionais que somos, saibamos estabelecer limites. Ou seja, saber diferenciar os momentos em que podemos usar esta tecnologia, das situações onde é fundamental uma investigação profunda, para a qual a IA não tem respostas. Nestas situações podemos, por exemplo, usar estes Chatbots para nos guiarem sobre a estrutura a seguir ao elaborar uma pesquisa, pedindo para que o mesmo enuncie os pontos que não devem ficar para trás ao abordar o tema. Desta forma, usamos a tecnologia como uma "bengala" para chegarmos ao resultado final, sem colocar em causa o nosso espírito crítico, ao sermos nós mesmos a pesquisar. O aluno pode também tirar proveito da IA para reduzir as suas horas de trabalho. Por exemplo, ao estudar para um teste, a mesma pode ser

usada para sintetizar textos ou documentos referentes à matéria. Posteriormente, o aluno pode adicionar ou alterar conceitos que ficaram pouco esclarecidos, ou que o estudante ache pertinente. Assim, ainda é necessário que o humano use o seu raciocínio para estabelecer a relação daquilo que está ou não em falta, enquanto a máquina economiza o nosso tempo. A meu ver, dando uso a estas e a diversas outras estratégias, é sim possível estabelecer uma relação equilibrada entre a realidade e a tecnologia, independentemente do âmbito. Porém, para que esta junção seja verdadeiramente edificante, é necessário dar uma travagem na nossa preguiça e pisar no acelerador da nossa força de trabalho e do nosso espírito crítico.

CRISTIANA MENDES
EBS PADRE MANUEL ÁLVARES
(RIBEIRA BRAVA)

Convívio, gargalhas e aprendizagem NO FUNCHAL

NO DIA 19 DE FEVEREIRO, OS ALUNOS DO CEF TV - 1.º ANO E DE PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA, REALIZARAM UMA VISITA DE ESTUDO À SÉ DO FUNCHAL E AO TEATRO BALTAZAR DIAS.

A visita, que teve como principais objetivos promover o convívio saudável e complementar os conteúdos trabalhados em aula, foi pautada pelo comportamento irrepreensível de todos os intervenientes, desde a saída da escola até ao regresso. Chegados ao destino, a primeira paragem foi a Sé, onde pudemos admirar a beleza daquele emblemático edifício, com destaque para o púlpito, local mais elevado, onde, no passado, os pregadores proferiam o seu sermão. Terminada esta primeira etapa da visita, tivemos a oportunidade de conviver mais um pouco e almoçar. O grupo dividiu-se de acordo com os seus gostos.



Depois do almoço, foi altura de nos reencontrarmos à frente do Teatro Baltazar Dias, um grandioso edifício cheio de cultura e beleza. Assistimos à peça de teatro "Abaixo o Walt Disney", uma produção do Contigo Teatro. Esta comédia fala-nos de um dramaturgo com dificuldades em escrever, que, ajudado por uma vizinha médium, conhece personagens dos contos de fadas que lhe dão conselhos. Foram 60 minutos muito bem passados, com muitas gargalhadas à mistura.

LEANDRO SOUSA
AFONSO GOUVEIA
EBS DR. LUÍS MAURÍLIO
DA SILVA DANTAS — CARMO
(CÂMARA DE LOBOS)



A CHEGADA DA IMPRENSA À MADEIRA

A imprensa chegou à Madeira em 1821 e marcou o início de uma nova era na comunicação e na partilha de ideias. Este avanço representou um impacto social significativo, permitindo a disseminação de notícias, debates políticos e questões culturais. No início do século XIX, Portugal vivia tempos de mudança. A Revolução Liberal de 1820 pôs fim ao absolutismo e instaurou um regime constitucional. Este espírito reformista chegou à Madeira, onde crescia a necessidade de um meio eficaz para divulgar novas ideias. Foi nesse contexto que Nicolau Caetano Bettencourt Pita, médico e liberal, decidiu fundar *O Patriota Funchalense*, o primeiro jornal madeirense. Com uma tipografia importada do continente, publicou a primeira edição a 2 de julho de 1821, na Rua dos Ferreiros, n.º 7, no Funchal. Com uma periodicidade bissemanal, *O Patriota Funchalense* tornou-se uma plataforma de informação e cultura, permitindo aos madeirenses ter acesso a notícias do país e do estrangeiro. A primeira página de cada edição apresentava as armas reais e versos de Almeida Garrett, refletindo o espírito liberal do jornal. Defendia a liberdade de expressão e o fim do absolutismo, tornando-se alvo das autoridades, que, em 1823, restauraram o controlo político em Portugal.

A publicação teve uma curta duração de dois anos, mas o seu impacto foi profundo. Bettencourt Pita foi preso, exilado para a ilha Terceira, nos Açores, e o jornal foi encerrado. No entanto, o seu legado permaneceu. A imprensa na Madeira continuou a crescer, influenciando a participação cívica e o desenvolvimento cultural da ilha. Além da política, a imprensa trouxe uma maior coesão social, ao divulgar notícias sobre o comércio e eventos culturais. A Madeira passou a integrar-se melhor no contexto nacional e internacional, fortalecendo a identidade da ilha. A fundação de *O Patriota Funchalense* representou mais do que um avanço técnico - foi um marco para a liberdade de pensamento e para o desenvolvimento intelectual da Madeira. Mesmo enfrentando repressão, o desejo de informar e expressar ideias não pôde ser silenciado, deixando um legado que moldou as gerações futuras.

Fontes:
■ FREITAS, Lourenço, *Imprensa Periódica Madeirense e os Jornais da Autonomia (1978-2016)*, 2016, Editora O Liberal.
■ https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicolau_Caetano_de_Bettencourt_Pitta
Imagens:
■ Museu de Imprensa da Madeira (essencial-madeira.com); *O Patriota Funchalense* - ABM (madeira.gov.pt)



BRUNO MENDONÇA
ES de Jaime Moniz
(Funchal)



PARA TUDO O QUE NÃO ACABEI

Deus desistiu da humanidade
Quando viu que a fez imperfeita
E eu, desenhado à sua igualdade,
Faço da sua ideia minha seita!

Nem as estrelas contam tudo o que toquei
Tudo o que tentei, e por fim, falhei
Não falhando por significativa situação,
Mas pela existência de um singular átomo de imperfeição!

Nunca desisti de nada que achasse perfeito!
Por isso, a mim guardo despeito...
Já foram prosas, aspirações e poemas,
Oh, que nem conexões saíram ilesas!

Viro-me para uns papeis espalhados
(Um espelho da minha alma, em pedaços)
Vejo sonhos tristezas amores, uma noite de outono,
Vejo filhos jogados ao abandono



E que sobra?!
Um mundo que de aspirações só me resta a sombra?!
De que vale a procura pela sinfonia divina,
Se na busca por ela a surdez me contamina?!

Mas é tempo de me tornar herege,
Abandonar esta seita sadista que me rege!
Se fomos abandonados, a pena é de quem partiu,
Porque foi da imperfeição que o futuro surgiu!
A rei tirano, mostramos a guilhotina,
A fascista desumano, o poder da guerrilha
E lutamos, destruindo as imperfeições que criamos,
Não procurando perfeição, apenas continuar humanos...

E que assim a luta continue!
Que à ganância e avareza o povo não se habitue!
Porque, no fim, a perfeição não está no perfeito, sem engano
Está na luta por ele, no ser humano!

E humanas continuarão as minhas criações,
Imperfeitas, corrigidas, melhoradas para as multidões!
Porque é este o significado da perfeita arte,
Por fim, foi um prazer acabar-te!

JOÃO PEDRO CÂMARA

EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)



UM RUSSO E UMA CHECA NA MADEIRA



ELE CHAMA-SE ANDREI SHCHEGLOV. Tem 16 anos. É da Rússia. É o único jovem russo que conheço. É louro, alto e magro. Traz sempre o cabelo apanhado. Adora moda, fazer compras, velas aromáticas, flores, perfumes, fragrâncias e ambientadores. Também adora café. Tem uma irmã que adora gatos. Estuda todos os dias e, ao fim de semana, trabalha e chega tarde a casa.

Chegou com uma mala pequena e agora tem um armário cheio de roupa. É o único rapaz que conheço que gosta de fazer compras. Nos tempos livres, tem aulas de Português *online* e vai sempre ao café. Não consegue viver sem café. Toma sempre três ou mais cafés diários. Em Moscovo, adorava organizar festas. Aqui não gosta tanto por causa das dificuldades que ainda tem com a língua.

A primeira vez que o vi, pensei que ele não gostava de mim, mas, meia hora depois, já sabia que ia ser a melhor companhia que ia ter nesta escola.

É bom fotógrafo: tira cem fotografias e eu gosto apenas de uma. Ele quer ser empresário, ter muito dinheiro e trabalhar pouco ou nada. À primeira vista é introvertido, mas depois é muito divertido.

O Andrei tem um estilo de moda que eu não gosto, mas respeito. Ele gosta de cor-de-rosa, bege, preto, cores que ninguém gosta. Gosta de bolsas estranhas e sacos de pano com padrões e desenhos esquisitos. Ele traz sempre o computador e usa-o como *powerbank* para carregar o telemóvel. O meu amigo russo gosta de cozinhar, mas com placa de indução, diz que não sabe cozinhar com gás. No Natal, dei-lhe uma prenda, mas ele só abriu no

primeiro dia de janeiro, porque, na Rússia, o início do ano novo é a grande festa e o Pai Natal é o Ded Moroz. Ele quer ter um ou dois filhos e gatos.

A primeira coisa que lhe pedi foi uma caneta e depois perguntei onde tinha comprado o café frio (galão com gelo). Ele é organizado e eu desorganizada. **NÃO TEMOS NADA EM COMUM, SÓ MESMO O GOSTO POR CAFÉ FRIO.**

ELA CHAMA-SE BARBORA NEBESKÁ. Nasceu na República Checa. Agora vive na Madeira, mas prefere as Canárias. Tem 18 anos, cabelo curto e castanho, olhos verdes. É linda, alta e magra. Tem três irmãos e uma irmã da parte do pai.

É extrovertida. Adora fazer tudo, tudo o que é possível e fazer vídeos e fotos sobre isso. Detesta chuva e futebol. Todos os dias é feliz. Nos tempos livres, dorme ou faz vídeos.

A primeira vez que a vi, pensei: "Mas quem é que vai fazer um exame sem caneta?". A Barbora nunca traz o material para as aulas, arranca as folhas do meu caderno e usa sempre as minhas canetas. Ela põe sempre as suas coisas na minha bolsa ou sacco. Eu compro café e ela bebe tudo, mesmo quando lhe pergunto antes se quer um e ela diz que não lhe apetece.

Gosto muito da roupa que usa. No futuro, podia ser modelo.

Ela tem muitos amigos e poucas amigas. As raparigas, geralmente, não gostam dela, penso que é porque lhes faz concorrência. Diz que vai casar com um milionário e ter três filhos.

ELA FAZ-ME RIR, MAS NÃO TEMOS NADA EM COMUM.

ANDREI SHCHEGLOV E BARBORA NEBESKÁ
ES DE JAIME MONIZ (FUNCHAL)

MARIANA ABREU
EBS/PE DA CALHETA

O FIM COMO INÍCIO

O sol mergulha em tons de ouro e cinza, pintando o céu num último adeus. O mar, sem pressa, chora e balança, cantando baixinho segredos seus.

As pedras frias guardam lembranças de passos distantes, vozes perdidas. Quantos sonhos, quantas esperanças, as ondas levaram sem despedidas?

O vento sopra, sussurra ao ouvido, conta histórias de quem partiu, de olhares presos no infinito, e amores que o tempo não destruiu.

E eu fico ali, sozinha a olhar, sentindo a vida prender-se a mim, vendo no mar um espelho a brilhar, onde tudo acaba e começa sem fim.



Escola do Porto Moniz celebra o seu 33.º aniversário

No passado dia 21 de fevereiro de 2025, a Escola Básica e Secundária com Pré-escolar e Creche do Porto Moniz festejou o seu aniversário. A cerimónia juntou grande parte da comunidade educativa, num programa que incluiu os discursos oficiais, a atribuição dos prémios de mérito do ano letivo 2023-2024, a divulgação do novo logótipo da escola e os animados e emotivos momentos musicais, com a interpretação de temas regionais, nacionais e do hino original da escola.

NA CELEBRAÇÃO DESTES 33 ANOS DE EXISTÊNCIA, DESTACOU-SE O RECONHECIMENTO DA SUA IDENTIDADE ENQUANTO ESCOLA PEQUENA E, POR CONSEQUENTE, COM CONDIÇÕES PARA CONHECER E ATENDER ÀS NECESSIDADES DOS SEUS ALUNOS.

O Diretor, professor José Sequeira da Costa, salientou ainda o rigor e profissionalismo dos professores e restantes colaboradores, bem como as excelentes infraestruturas, projetos e recursos que possui. De olhos postos no futuro, a escola não deixa de prestar homenagem às suas raízes, adotando agora uma imagem que remete para um marco paisagístico do concelho, o ilhéu do Porto Moniz, representado no logótipo vencedor.

ALEXANDRE FERREIRA
EBS/PE/C DO PORTO MONIZ



'MISSÃO DE RESGATE' AO SMARTPHONE A EMERGÊNCIA DA LITERATURA

*APRECIÇÃO CRÍTICA

'MISSÃO DE RESGATE', foi assim apelidado o *cartoon*, pelo artista Miguel Morales Madrigal, seu autor.

A priori, é possível, em realce, verificar que um jovem salta diretamente para as páginas de um Livro, segurado por quatro pessoas, uma em cada ponta. À Esquerda, por entre tonalidades predominantemente escuras, encontra-se uma estrutura similar a um *smartphone*, mas com notável profundidade, suscetível de aprisionar muitos jovens. Incapazes, estáticos. Já numa ótica mais avançada, este *cartoon* representa as ditas novas tecnologias como uma área cinzenta de aprisionamento e prima pela atualidade, uma vez que quase se afiguram normalizadas a dependência e o vício dos indivíduos daquelas.

A denúncia, assumida na função crítica, deixa, sob maior luminosidade, a solução para o número reduzido dos jovens que sonha libertar-se das cadeias das tecnologias. De facto, o Livro está

patente como um leito aberto e acolhedor que irá amortecer o embate do jovem em queda. As páginas, intencionalmente em branco, por preencher, qual porto seguro alcançado, remetem para a mais bela e antiga forma de expressão humana já atingida: a Literatura. Como coadjuvantes, as pessoas mais velhas, que aparam o Livro, amparam o jovem, resgatam, enfim, as camadas de população, que ainda se podem salvar, se postas em contacto com os escritores, por sua vez resgatados do esquecimento.

Em última instância é premente ajuizar que a imagem significa muito mais do que ao olhar menos esclarecido o autor quer transmitir. Da simples maneira abstrata de equacionar o universo tecnológico, em contraponto com o universo literário, o artista atingiu outro patamar: o do alerta, algo justificadamente desesperado, para os perigos da exposição prolongada e ingénuas às tecnologias e para a premência de regressar aos livros, suporte atemporal da essência, história e sonho do ser humano.

NÁDIA ORNELAS

EBS/PE/C BISPO D. MANUEL FERREIRA CABRAL (SANTANA)

IMAGEM:
[HTTPS://WWW.CARTOONMOVEMENT.COM/CARTOON/RESCUE-MISSION](https://www.cartoonmovement.com/cartoon/rescue-mission)





PORTO SANTO LANÇA ORÇAMENTO PARTICIPATIVO JOVEM

Com sessões públicas de apresentação destinadas a sensibilizar e mobilizar os jovens para participarem ativamente no desenvolvimento da sua comunidade, o município do Porto Santo deu início à terceira edição do Orçamento Participativo Jovem (OPJPS).

A primeira sessão, de um conjunto de três apresentações em diferentes instituições da ilha, decorreu na Escola Básica e Secundária com Pré-Escolar e Creche Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco, contando com a participação interessada de cerca de 75 alunos do ensino secundário, bem como a presença dos participantes da segunda edição do OPJPS. A sessão foi conduzida pelo presidente da Câmara Municipal, Nuno Batista, acompanhado pela

vereadora do Ambiente, Mariana Vasconcelos, e pela gestora da Reserva da Biosfera do Porto Santo, Lúcia Soares.

O OPJPS é uma iniciativa que promove a participação democrática dos jovens entre os 16 e 30 anos, desafiando-os a apresentarem propostas que contribuam para a melhoria do concelho e que reflitam os princípios da sustentabilidade e do desenvolvimento harmonioso, valores essenciais de uma Reserva da Biosfera.

Cada proposta, de carácter individual, deve ser destinada à comunidade educativa, com um orçamento máximo de 5 mil euros. Os interessados podem submeter as suas propostas através do formulário disponível no site do município e nas redes sociais. ■

INÊS SILVA
EBS/PE/C PROF. DR. FRANCISCO DE FREITAS BRANCO
(PORTO SANTO)



AFINAL, TAMBÉM NOS PREOCUPAMOS !

Será que os jovens se importam com as notícias, o estado do mundo, a política, a economia, o ambiente e as demais áreas consideradas assuntos de adultos? Ora, várias pessoas podem pensar que nós adolescentes apenas queremos saber do nosso telemóvel, amigos, sair, beber..., mas, pelo menos da minha parte, não podiam estar mais errados. Ultimamente tem havido diversos eventos que propiciam preocupações e instabilidade por todo o mundo, começando por duas guerras que parecem intermináveis, o "novo" líder da América e as suas controversas decisões, a possibilidade de uma terceira guerra mundial. Bem, a lista é longa, e muitas vezes dou por mim a desejar ser ignorante e esquecer que o mundo está a desabar, mas por ser um ser consciente isso não passa de um desejo. Para nós jovens que estamos perante uma fase de descoberta pessoal, tanto a nível

da personalidade como da nossa futura carreira, esta tarefa torna-se muito difícil de realizar nos dias que correm, pois como conseguimos preocupar-nos em concretizar os nossos objetivos se houver uma guerra a nível global? Ou se a inteligência artificial vier a substituir a intervenção humana em determinadas profissões, como tem vindo a acontecer, desde as caixas dos supermercados aos pontos de "self check-in" nos aeroportos? Como vamos conseguir viver num mundo que está a ser destruído? É claro que os adolescentes se preocupam com estes assuntos, como não o fazeríamos? Para além da escola, onde a sobrecarga é imensa, também temos as preocupações dos "adultos".

SER JOVEM HOJE EM DIA NÃO É TAREFA FÁCIL, MAS NECESSÁRIA PARA O NOSSO FUTURO. Assim espero ter corrigido algumas ideias falaciosas acerca da nossa faixa etária. Escrevo numa espécie de oração para que as dificuldades pelas quais o mundo está a passar sejam solucionadas. ■

CATARINA VIEIRA
EBS DE MACHICO

PRÉMIO 'MAIS CRIATIVIDADE'

A FELICIDADE É CRIATIVA E A KATHERINE PROVOU-O!

Todos os meses, o 'Ponto e Vírgula' distingue o trabalho mais criativo com o prémio 'Mais Criatividade', um reconhecimento especial para os alunos que se destacam na originalidade e qualidade dos seus conteúdos.

Na edição de fevereiro de 2025, a feliz contemplada foi a **Katherine Pereira**, aluna da EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo, com o artigo **'Como alcançar a felicidade?'**. Um texto inspirador que convida à reflexão sobre o que realmente importa para sermos felizes.

A escolha do artigo vencedor ficou a cargo do Gabinete do Secretário Regional de Educação, Ciência e Tecnologia. Como forma de reconhecimento, a aluna recebeu um cartão oferta no valor de **30 euros**, gentilmente cedido pelo PLAZA Madeira, parceiro deste projeto.

Queres ser o próximo vencedor do 'Mais Criatividade'? Envia as notícias da tua escola, entrevistas, artigos de opinião ou ilustrações para o professor de contacto na tua escola e mostra o teu talento!

